

SÃO LUIZ

Teatro
Municipal
2013

10 Jun OS LUSÍADAS EPOPEIA INTEGRAL

Segunda das 10h às 23h30
Jardim de Inverno; m/3
Entrada Livre

Por António Fonseca
Ambientes sonoros
de Fernando Mota

10h

Canto I

11h

Canto II

12h

Canto III

14h

Canto IV

15h

Canto V

16h

Canto VI

17h

Canto VII

18h

Canto VIII

19h

Canto IX

22h30

Canto X

*O canto X será partilhado
com dez actores:*

Almeno Gonçalves

Carlos Malvarez

João Vicente

Natália Luiza

Marta Dias

Raquel Castro

Rita Durão

Sofia Marques

Tónan Quito

Vitor d'Andrade

Tudo tem uma razão de ser

António Fonseca

Para nós portugueses, Os Lusíadas são a maneira maior de contarmos um tempo de diversas formas inscrito nos nossos cromossomas e na nossa memória, em que todos os conceitos da mundivisão ocidental foram completamente alterados, em que as paredes se romperam e os mares muito maiores que o Mediterrâneo, entraram de enxurrada num mundo que estava cartografado havia quase dois mil anos.

Os Lusíadas são também uma súplica do saber que resistiu ao tempo e que continua a resistir: os factos são históricos ou poético/históricos, mas as suas profundas motivações são de todos os tempos. E a precisão e agudeza e, às vezes crueza, com que Camões as formula, embrulhadas nos processos poéticos, podem deixar-nos o resto da vida a meditar. É também esse o papel da arte.

Contam uma grande história da vida, uma grande história da condição de ser humano, uma metáfora enorme da nossa condição de seres históricos, em qualquer sítio, em qualquer contexto cultural, em qualquer

tempo: um punhado de homens que se lançam no espaço desconhecido por razões absolutamente contraditórias. Podemos imaginar: por ambição, por desespero, por aventura, por convicção, por necessidade, por inconsciência...

Actualizar essas motivações de viver que são ainda, apesar de tudo, as nossas, através da arte maior da poesia de Camões... seguindo o conselho de A. J. Saraiva: *... Por vezes interessa pouco o que ele diz, e vale só a língua sonora que percorre os vários graus da escala, uma palavra que splende, um som rouco de queixa ou um gesto teatral que se entrevê. Por vezes, também, é um brinco meio irónico com palavras que se repetem ou opõem, como os poetas sempre gostaram de fazer diante dos seus auditores...*

A catadupa de mudanças, políticas, sociais e sobretudo económicas a que vimos assistindo, exige-nos o reforço da nossa identidade individual e colectiva, das âncoras de cumplicidade que temos de ir buscar mais longe, fora da efemeridade do presente.

Estas são algumas das razões que me levaram a mergulhar n'Os Lusíadas nos últimos 5 anos.

Este é parte do resultado e um momento privilegiado do processo.

Há cinco anos começou, hora livre após hora livre, a decorar Os Lusíadas. Seguiu um regime até de preparação física. Preparou-se para se exceder, porque as grandes histórias fazem com que as pessoas se queiram exceder. Os Lusíadas é uma grande história de coragem de viver. As histórias de viver dizem-nos que somos maiores do que a vida, porque se formos iguais à vida, a gente não aguenta a vida. As histórias fazem-nos maiores e a gente aguenta e a gente excede-se. Precisamos de grandes ideias, mesmo que seja para não as fazer, mas temos que ter essas referências. Precisamos de sonho. Precisamos de olhar para uma coisa que não alcançamos, mas só de olhar para lá faz-nos aguentar o caminho. Há uma coisa subterrânea, como povo, que transporta esta história não só a ficção que o Camões faz, como os factos históricos. Está no nosso inconsciente colectivo. Os Lusíadas é das poucas coisas que não nos podem roubar. Quatro anos foi o tempo que demorou para fazer pela primeira vez Os Lusíadas.

In *Jornal de Negócios*, 7 de Junho de 2013, a partir de uma conversa com Susana Moreira Marques e António Fonseca

António Fonseca Licenciado em Filosofia, actor desde 1977. Trabalhos mais recentes (teatro): *Vermelho*, de John Logan, encenação João Lourenço; *Ivanov*, de A. Tchekov, encenação de Tonán Quito; *História do Soldado*, de Ramuz/stravinski com a O. M. de Lisboa, direcção de J.P. Vaz; *Tempestade*, de W. Shakespeare, encenação Luís Miguel Cintra; *Mona Lisa Show*, de Pedro Gil; (em cinema e televisão): *Floribela*, de Vicente Alves do Ó, Depois do Adeus. RTP1, Rosa Fogo, SIC. Colaboração regular em projectos de formação nas áreas do Teatro e da Expressão Dramática com destaque para a colaboração mantida com o Curso de Teatro e Educação da EsECoimbra desde 2000.